

QUALIDADE no ENSINO

Horácio Almendra

horacio.almendra@iqe.org.br · www.iqe.org.br



Colaboração:

Maria Helena Braga / mhelena.braga@iqe.org.br

Maria Sidalina Gouveia / sidalina.gouveia@iqe.org.br

Cristina Luiza Garbuio / cristina.garbuio@iqe.org.br

José Gayoso / jose.gayoso@iqe.org.br

James Zomighani / james.zomighani@iqe.org.br

Analfabetismo cartográfico

James Zomighani

Especialista Formador de Geografia do IQE – Instituto Qualidade no Ensino

Em quase todas as avaliações externas, aplicadas aos alunos de escolas públicas ou privadas, o percentual de acertos de questões contendo mapas tem sido muito pequeno. A análise do problema apontou para algumas hipóteses. A primeira delas é a de que os professores dominam muito pouco a cartografia, pois em sua formação universitária, na graduação, o conhecimento cartográfico não foi trabalhado com a profundidade necessária. Nos cursos de formação de professores ministrados pelo Instituto Qualidade do Ensino – IQE, desde 2008 no Piauí e, mais recentemente,

em Pernambuco, ao perguntar aos professores a respeito de sua formação universitária em cartografia para o ensino de geografia, foi possível comprovar essa hipótese. Nos cursos mais atualizados das melhores universidades brasileiras, como a Universidade de São Paulo - USP, a cartografia é hoje vista sob o paradigma de uma linguagem, cujo aprendizado é tão complexo quanto o de outras linguagens como a língua portuguesa, a língua inglesa ou a matemática. Da compreensão deste fato desdobrou-se a segunda hipótese: não é possível dominar alguma linguagem se ela é utilizada raramente na escola, em projetos, ou em alguma aula “solta” ao longo da vida escolar do

estudante. Daí a dificuldade de domínio por grande parte dos alunos, mas também de seus professores. Não faz parte da cultura do brasileiro o uso cotidiano de referências de localização espacial como norte, sul, leste e oeste. Mesmo em grandes centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro, onde são um pouco mais utilizadas – por conta das enormes dimensões dessas cidades, o uso da cartografia é muito incomum. Os mapas das estações de metrô são pobres, limitados em sua escala e disponíveis em pouquíssima quantidade. Nos pontos de ônibus, então, mapas são praticamente inexistentes, exemplificando a falta do uso desta importante ferramenta, uma consequência do

analfabetismo cartográfico. Faz parte do trabalho do professor de geografia o ensino de cartografia, tanto a leitura dos mapas, quanto seu uso para expressar ideias e representar fragmentos do território, das paisagens, dos lugares, ou seja, do espaço geográfico que é o território ativo de existência das sociedades contemporâneas. Para que a cartografia seja aprendida como uma linguagem, possibilitando, na construção desse conhecimento, ganho de “fluência cartográfica” pelos alunos, é preciso reverter o terrível quadro de analfabetismo cartográfico que impera hoje, no ensino e na sociedade brasileira. O professor de geografia precisa incluir mais atividades de cartografia

em suas aulas, não necessariamente produção ou análise de mapas complexos. Serve o mapa do trajeto cotidiano dos alunos à escola, ou o mapeamento dos caminhos percorridos por seus pais até o trabalho. São bem-vindos também usos de mapas da cidade, aqueles vendidos até em bancas de jornal. O professor pode desenvolver projetos como mapear eventos ocorridos em sua cidade, estado ou país, a partir de notícias (sem mapas) encontradas nos jornais – como a localização dos centros culturais, dos rios, das áreas agrícolas, das fábricas, das zonas comerciais; até dos países em guerra, ou daqueles que sofrem com desastres sociais ocorridos como consequência de

planejamento territorial equivocado (como as enchentes, pela ocupação desordenada das várzeas dos rios; ou os deslizamentos de terra, resultado da especulação imobiliária que obriga populações carentes a ocuparem áreas de risco, dentre outros). Mas, muito mais do que um rol de atividades obrigatórias, o que importa é o aluno se valer do mapa para dar novos significados aos fatos, a partir da interpretação do lugar onde ocorreram. Ao assimilarem o conhecimento cartográfico, alunos e professores também desenvolverão habilidades para se localizarem no mundo, a partir da realidade do lugar onde vivem.